

Sobre a (sobra?) violência

JOSÉ VICENTE
CAIXETA FILHO



Pesquisas diversas são realizadas entre os habitantes de nosso país, principalmente em períodos eleitorais, tentando levantar as principais preocupações da população. Normalmente (e invariavelmente) aparece o tema segurança.

Para aqueles que já tiveram oportunidade de residir fora do país e, por mais apaixonados que sejam por nossas terras tupiniquins, salta aos olhos a diferença (favorável) em termos de segurança para, principalmente, as experiências em países norte-americanos, europeus, da Oceania etc.

Interessante essa tal de segurança. É certamente a medida efetiva de controle e de fiscalização de violências que continuam a atormentar e a amedrontar uma série de ambientes nossos. Função da má distribuição de renda no país? Também, mas acredito que outras coisas contri-

bua fortemente para o aumento dessa violência.

Já comentei em um artigo anterior publicado no dia 06/11/2011, sobre a cada vez maior fragilidade da força das instituições. Volto à questão doméstica: muito comum chegarmos cansados em casa ao final de um extenuante dia de trabalho e, independente da classe social, sobrar aquela bronca para a esposa e/ou filhos. Situações análogas nos mais variados ambientes de trabalho: o chefe dando aquele esporro no funcionário, o professor dando aquela dura no aluno e por aí vai.

«Não tem jeito: a força do exemplo é fatal. Muitos filhos podem, por exemplo, seguir à risca o exemplo do pai destemperado, ou ainda, jurar de pé junto que nunca repetirá para os seus próprios filhos a mesma atitude que recebe do próprio pai. O funcionário à luz do chefe, o aluno à luz do professor e a arrogância se avo-

luma, sobrepondo-se à humildade e a história se repete por gerações.

Certamente, existe uma preocupação enorme por parte da sociedade supostamente desenvolvida com a formação ética de seus cidadãos. Em nome da segurança, da qualidade de vida, temos que nos esforçar por demais para fazer com que os bons exemplos e práticas sejam devidamente fixados em terreno fértil.

Ninguém mais ganha nada no grito. Se gritar muito, morre de infarto. A língua inglesa usa muito o termo 'have fun', que em nossa língua portuguesa seria 'curtir a vida', com muito prazer! E o poeta: "A história é um carro alegre, cheio de um povo contente, que atropela indiferente, todo aquele que a negue".

JOSÉ VICENTE CAIXETA FILHO é piracicabano
josecaixeta@terra.com.br

